

OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO LGBT



2006

Relatório sobre Homofobia e Transfobia

Relatório anual do OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO da rede ex aequo - associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes sobre discriminação em função da orientação sexual e/ou da identidade de género no espaço escolar em Portugal.

Observatório de Educação – Relatório de 2006
rede ex aequo – associação de jovens lésbicas, gays,
bissexuais, transgéneros e simpatizantes
Lisboa, Setembro de 2006



Rua S. Lázaro 88

1150-333 Lisboa

Tlf. 96 878 18 41

E-mail: redex@ex-aequo.web.pt

Website: www.ex-aequo.web.pt

ÍNDICE

Introdução	3
Caracterização dos participantes	4
Experiências de discriminação	6
Sistema educativo	12
Conclusão	14
Glossário	16
Anexo	17

Observatório de Educação LGBT

RELATÓRIO 2006

Agradecimento

Queremos agradecer a todos os que colaboraram neste projecto e que através dos seus testemunhos tornam possível o Observatório de Educação. A eles o nosso apreço, respeito, compreensão e companheirismo na luta contra a vil doença social que dá pelo nome de homo/transfobia.

INTRODUÇÃO

Consciente de que ainda ocorrem muitas situações de homofobia e transfobia nas escolas em Portugal e que, por esse motivo, a escola ainda não é um espaço seguro para muitos jovens homossexuais, bissexuais e/ou transgéneros, ou percebidos como tal, a rede ex aequo decidiu lançar o seu Observatório de Educação.

Através de um formulário online disponível em <http://www.ex-aequo.web.pt/observatorio.html>, especialmente desenhado para o efeito, a rede ex aequo deseja dar voz e reportar todas as situações de discriminação, de qualquer cariz, respeitantes ao tema da orientação sexual e da identidade de género que tenham ocorrido em estabelecimentos escolares em Portugal, inclusive também as ocorrências de veiculação de informação incorrecta, preconceituosa e atentatória dos direitos humanos e da dignidade das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgéneras, no espaço escolar.

O presente relatório apresenta os resultados de 20 formulários a reportar casos de homofobia e transfobia, recebidos pelo Observatório entre Fevereiro e Setembro de 2006, de jovens dos 16 aos 28 anos, na sua maioria alunos, mas também professores e funcionários. Contudo, não podemos considerar estas queixas uma amostra representativa. Estamos conscientes que a maioria das situações de discriminação se encontram para além do nosso conhecimento enquanto associação, que muitas das vítimas ou testemunhas não têm acesso e/ou conhecimento deste Observatório e que vivem sentimentos de exclusão, isolamento, baixa auto-estima, segregação social, insucesso escolar, entre outros, no mais profundo silêncio. Apresentamos estes resultados para caracterizar as ocorrências que nos foram transmitidas também quantitativamente, mas acima de tudo qualitativamente.

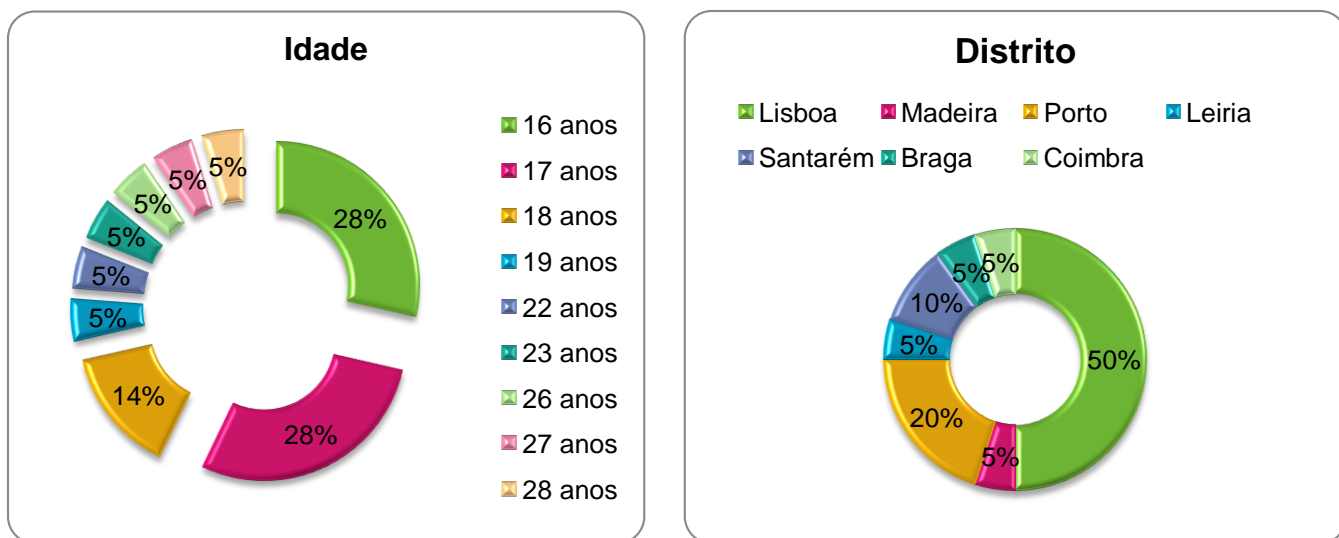
Este relatório permite-nos constatar alguns episódios ocorridos em ambiente escolar no nosso país. Vale por isso mesmo e deve ser tido em conta como uma ferramenta útil para que se tomem medidas e que, pouco a pouco, os nossos jovens possam viver com valores de igualdade, cidadania e respeito pela diversidade e pelo outro.

Não só os jovens homossexuais, bissexuais e transgéneros vivem uma realidade de homofobia e transfobia nas suas vidas. Muitos outros, sofrem na pele experiências homofóbicas e/ou transfóbicas, resultado de falsos estereótipos e preconceitos infundados, mas fomentados na sociedade em geral.

Cada questionário preenchido foi tido como uma queixa informal, já que o Observatório não se encontra, até à data, vinculado a nenhuma autoridade competente e como tal resume-se ao registo passivo de situações de discriminação, muitas vezes extremas e marcantes na vida de um jovem.

A participação no preenchimento de cada questionário foi realizada única e exclusivamente por vontade própria de cada jovem. A rede ex aequo apenas permite um registo detalhado e confidencial de cada ocorrência.

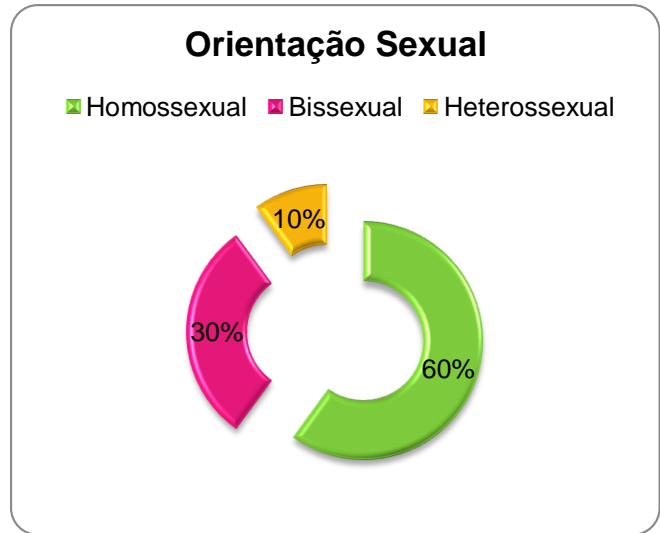
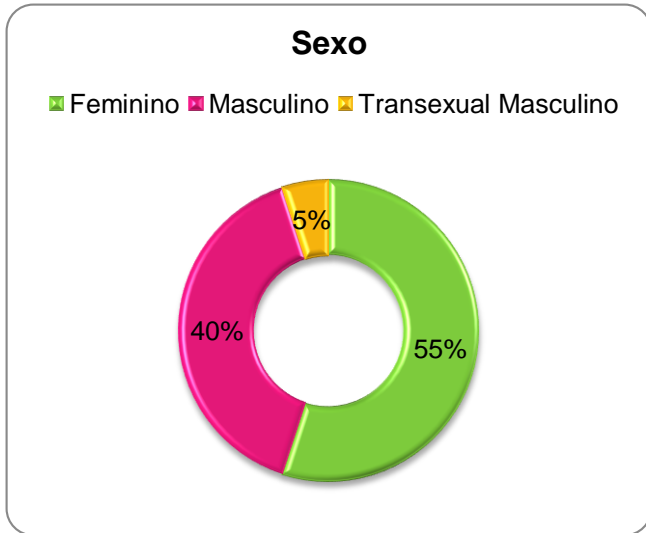
CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES



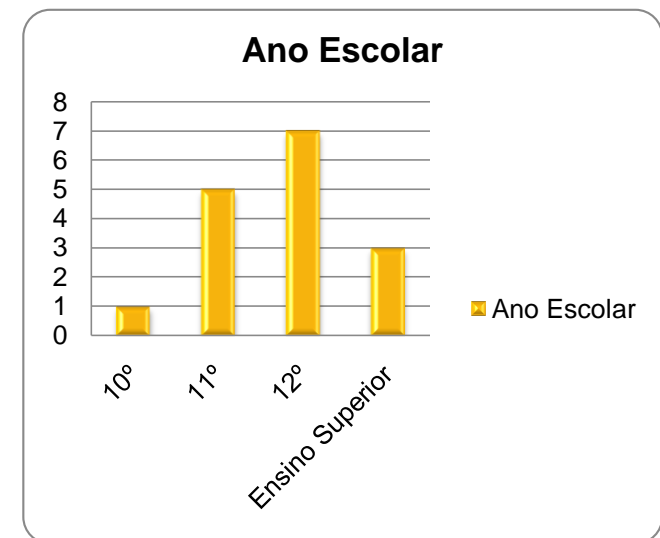
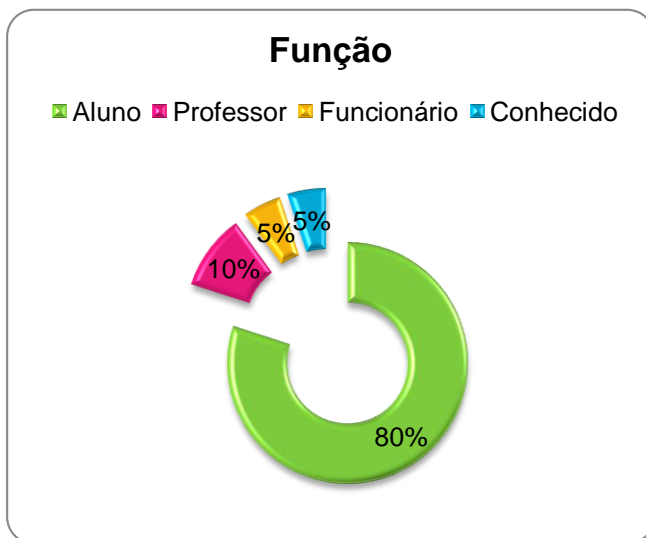
Nos gráficos em cima podemos observar, através de valores percentuais, a idade e o distrito dos vinte participantes que ao longo do último ano usaram o formulário online do Observatório para denunciar situações de homofobia e transfobia em ambiente escolar, vividas na primeira pessoa ou presenciadas como terceiros.

Verificamos que a faixa etária com maior concentração se encontra entre os 16 e os 18 anos. Porém, por se tratar de um estudo simbólico que apenas denuncia um número pequeno da realidade, não iremos deduzir conclusões sobre a faixa etária dos participantes.

No segundo gráfico observa-se que, no âmbito das queixas recebidas, são os grandes centros urbanos a origem dominante das mesmas. Poderia ser sinónimo da existência de um maior contexto de discriminação nestes locais, porém este dado nem sempre é real ou o seu inverso. A rede ex aequo, através dos seus grupos locais espalhados por várias cidades pelo país, tem vindo a tomar conhecimento de situações discriminatórias com base na orientação sexual e identidade de género e sabe que situações de homofobia e transfobia acontecem em vários pontos do país. As mesmas ocorrem de maneira transversal dependendo do contexto escolar, familiar e social de cada um. O gráfico refere o distrito a que os participantes do presente observatório pertencem. Não deve ser considerado como indicador geográfico de contextos de maior ou menor discriminação.



Quanto ao sexo e género dos participantes é constituído por onze raparigas, oito rapazes e um transexual masculino. Analisando o segundo gráfico, encontramos, novamente em valores percentuais, a orientação sexual total dos participantes. A esmagadora maioria homossexual e bissexual deve-se à especificidade da discriminação em questão. Contudo, destacamos que também é possível encontrar denúncias realizadas por dois participantes heterossexuais, sendo um deles um transexual masculino.



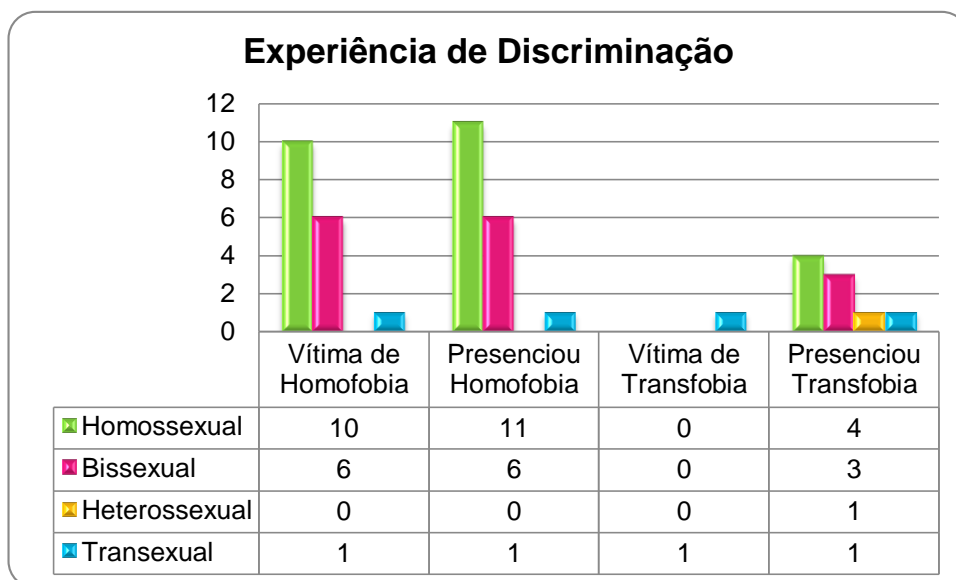
O primeiro gráfico acima indica que 16 dos 20 participantes são alunos. Todavia, a homofobia e a transfobia, manifesta-se em todas as áreas, inclusive num sentido bi-direccional. Ou seja, se muitos alunos sofrem discriminação vinda dos seus colegas heterossexuais, outros sofrem-na também de homo ou bissexuais que adoptam posturas homofóbicas para que nenhum dos seus colegas desconfie. Este tipo de comportamento é

mais comum do que se possa pensar e tem sido referido no testemunho de muitos homossexuais/ bissexuais que mais tarde se assumem como tal.

É importante não esquecer que a bi-direccionalidade também existe entre alunos e professores ou auxiliares de educação. Se muitos destes perpetuam falsos estereótipos e preconceitos, alguns outros também sofrem na pele a discriminação com base na orientação sexual e identidade de género por colegas de profissão ou por alunos.

Dos 16 alunos que enviaram formulários para o Observatório podemos verificar que 13 deles, a maioria, são do Ensino Secundário, enquanto que 3 são do Ensino Superior.

EXPERIÊNCIAS DE DISCRIMINAÇÃO

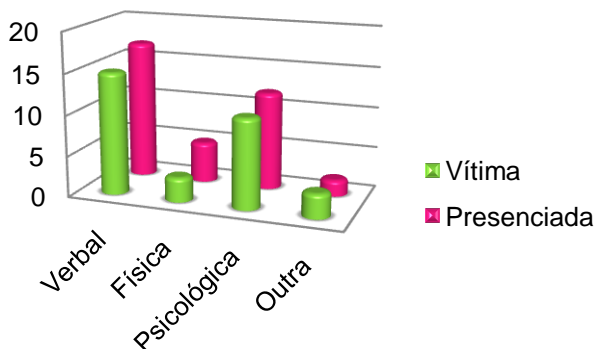


O gráfico acima mencionado mostra claramente que a maioria dos participantes do Observatório viveu na primeira pessoa ou presenciou diante de terceiros episódios de homo/transfobia. Ainda que não possamos considerar estes valores como absolutos, porque apenas traduzem experiências de um pequeno grupo de pessoas, é possível alargar a sua experiência e dia-a-dia até nós mesmos.

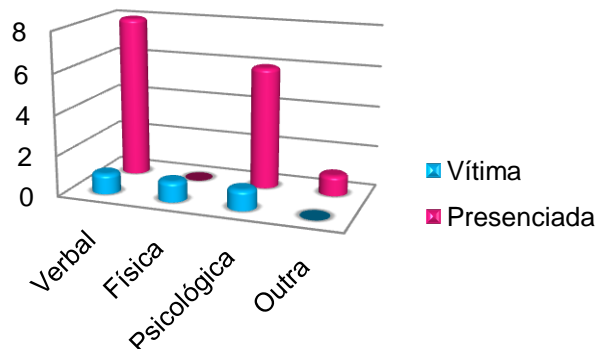
É possível fazer memória que ao longo das nossas vidas, alguma vez, tenhamos presenciado contextos de homo/transfobia. Essa situação começa com simples piadas quotidianas e podem ir até ao insulto directo. Em alguns casos extremos o insulto chega mesmo a colocar em questão a nossa integridade física.

Esta exclusão e segregação social, inconsciente ou consciente, leva a que muitos cresçam em ambiente hostil e que também eles de alguma forma se condenem com pensamentos e/ou comportamentos de homo/transfobia internalizada.

Agressão Homofóbica

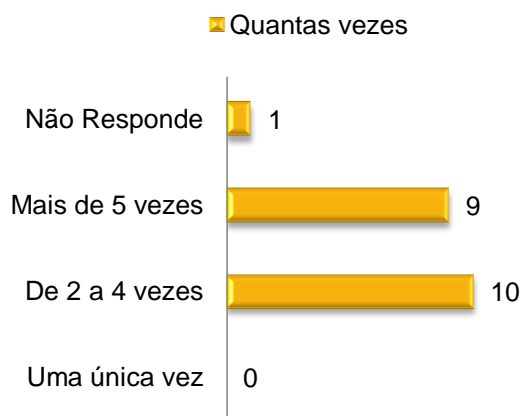


Agressão Transfóbica

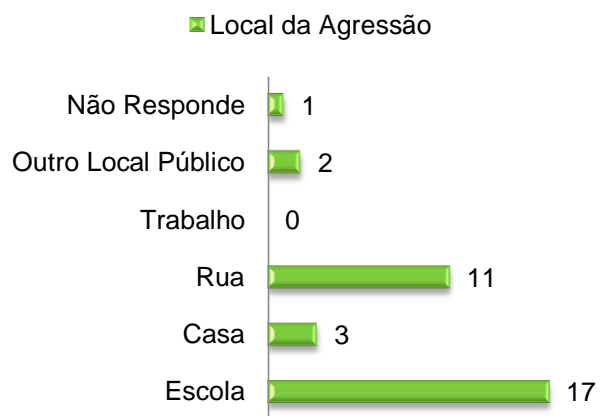


Nestes gráficos verificamos que tipo de agressão (verbal, física, psicológica, etc.) podem assumir os comportamentos homo/transfóbicos. É preocupante constatar como, na maioria dos casos denunciados, a agressão está presente a vários níveis. O efeito de agressão pode coibir o desenvolvimento das nossas competências inter/intrapessoais, bem como pôr em risco a nossa integridade física. Inúmeros casos, no passado ano, têm vindo a domínio público em Portugal. Casos de homo/transfobia continuam a marcar o dia-a-dia de muitos que directa ou indirectamente sofrem na pele a discriminação. Não podemos também esquecer todos aqueles que nunca chegam até nós pelo enorme receio de que as suas vidas mudem radicalmente só por terem uma orientação sexual ou uma identidade de género variante da norma instituída. Algumas das outras agressões referidas pelos participantes são exclusão, olhares, comentários, interrogações e um ambiente negativo causador de invisibilidade por receio de discriminação.

Quantas vezes



Local da Agressão



Quando aconteceu

■ Quando aconteceu



Quem praticou

■ Quem praticou



Nestes gráficos constatamos também que as agressões por norma não são algo pontual, senão algo recorrente, ou pelo menos com alguma repetição, no quotidiano de muitos. Estas situações ocorrem maioritariamente na rua e em ambiente escolar, ou seja, na escola. Ainda que se pretenda que esta última reúna condições para ser um espaço físico e psíquico onde cada "residente" (aluno, professor e auxiliar de educação) possa reunir condições para o seu bem-estar. Os participantes referem também outros locais públicos onde foram alvos de discriminação: cafés, restaurantes e cinemas.

A maioria das agressões foi realizada no último ano, embora tal não indique que anteriormente ocorressem menos agressões. Na realidade pode ser justamente o seu contrário. Desde a criação do Observatório de Educação muitas situações foram denunciadas. Sem a criação deste projecto as vinte denúncias que apresentamos nunca teriam sido feitas e/ou partilhadas. Isto remete-nos para a importância de que se criem meios de formalizar as situações de agressão. Situações de discriminação/ agressão acontecem nas nossas escolas e é urgente que se tomem medidas de apoio para a especificidade deste problema. Se até à data não existiam dados concretos é justamente pela ausência de meios para o fazer. As denúncias, por exemplo devem ser confidenciais. Pretende-se parar com a homo/transfobia nas nossas escolas e não fazer um levantamento público sobre a orientação sexual e/ou identidade de género dos seus alunos.

Dos vinte participantes, dezassete denunciam que a agressão veio da parte de alunos, oito da parte de desconhecidos, inclusive num destes últimos casos por alunos de outra escola. Estes são os valores mais elevados que podemos observar no gráfico "Quem praticou". A enorme discriminação entre alunos deve-se quase exclusivamente, uma vez mais, à especificidade do tema orientação sexual e identidade de género e o quase total desconhecimento sobre o mesmo. Esta falta de informação correcta e científica, também associada aos direitos humanos, deve-se à ausência no nosso sistema de ensino de reforço positivo sobre estas questões. Para além disto, o número de familiares, de professores e de funcionários que também foram perpetradores de agressão é exemplificativo de como há ainda agentes educativos que não sabem lidar com este tema de forma informada, correcta e promotora do respeito.

“Num dos casos o professor foi insultado na sua própria casa por alunos através da internet. Noutro caso um aluno foi ameaçado de morte pelos colegas através de bilhetes na sala de aula, além de o insultarem quando não estava presente” (27M G Lisboa)

“Estas situações já aconteceram comigo mesmo e com pessoas conhecidas, maus tratos verbais na rua, na escola chegando a maus tratos físicos, etc, etc...” (22M G Lisboa)

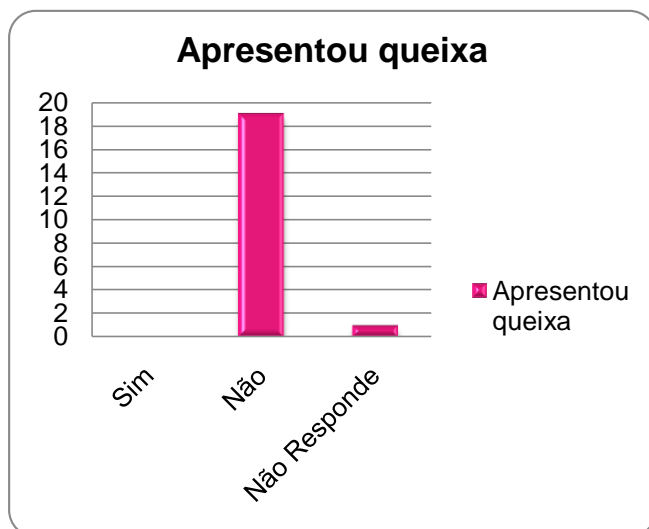
“Toda a impossível normal vivência com alguém do mesmo sexo em demonstração de qualquer afecto em locais públicos, à semelhança dos casais heterossexuais é, por si só, discriminação social” (17M B Lisboa)

“Trataram-se de conversas ‘informais’ entre a turma ou entre eu e outros colegas e amigos meus, onde eram debatidos vários pontos de vista. As várias discriminações que presenciei foram feitas de um modo generalizado à população LGBT” (16M G Lisboa)

“Houve várias situações, mas a mais directa foi quando eu tive de mudar de turma e os colegas discutiram entre si se o facto de eu ser gay seria adequado para entrar na turma. Entrei porque uma colega fez força para isso, mas durante estes dois anos de tabalho com eles nunca fico nos grupos de trabalho a não ser com essa colega. E ainda por cima ocultam-me informação tendo também sempre comentários mais directos ou indirectos contra gays e lésbicas, dizendo-o à minha frente a ver como reajo. Eu sei o que eles dizem quando não estou porque a colega me conta. Sei que o facto de acharem que sou gay é falado, sei que sou posto de lado por isso. Acontece uma coisa curiosa: os meus queridos colegas vão ser médicos” (26M G Lisboa)

“Devo salientar que as as ofensas verbais e psicológicas tiveram lugar na escola numa altura em que eu nem questionava que poderia ser bissexual” (18M B Braga)

“[Fui vítima de] olhares e comentários constantes, interrogações sobre a minha pessoa e acusações homofóbicas, sendo eu transexual” (16TM H Santarém)



Um aspecto que consideramos preocupante, e que pode ser confirmado no gráfico “Apresentou queixa”, é que nenhuma das vítimas apresentou qualquer tipo de denúncia das incidências ocorridas. Algumas das razões apresentadas para não o fazer foram receio das consequências, de se expor e ser gozado, medo de retaliações e escalada da violência e por achar que é infrutífero e que não fará diminuir as agressões. Este factor implica que é necessários os responsáveis educativos estarem mais atentos e nomeadamente intervir inequivocamente quando presenciarem este tipo de situações. As vítimas também têm de sentir que ao apresentar queixa serão ouvidas, que o podem fazer em segurança e que a sua esperança de serem tratados de forma correcta e de que tudo será feito para que a sua realidade mude não sairá gorada.

A forma como cada vítima lida com a situação varia de pessoa para pessoa. Todavia, a grande maioria recorre a amigos ou fecha-se em si mesmo. Nalguns casos os jovens têm de lidar com os problemas sozinhos, porque não sabem se irão receber nova discriminação por parte da(s) pessoa(s) a quem decidem pedir ajuda e o receio obriga-os, por isso, ao isolamento. Esta situação acontece também por estes motivos quando verificamos a ausência de recurso ao apoio da família. Só num dos casos a família foi referida como fonte de ajuda, mais precisamente a mãe. O isolamento promove sentimentos complexos, como baixa auto-estima e depressão, que podem dar origem ao abuso de substâncias e à tentativa de suicídio ou suicídio. Estudos académicos por todo o mundo alertam que a população LGBT, durante a adolescência e juventude, tem uma probabilidade de baixa auto-estima, depressão e auto-agressão pelo menos três vezes superior em relação à população jovem em geral, em consequência da discriminação e do preconceito.

“[Não apresentei queixa por] receio das consequências” (17F L Madeira)

“[Não apresentei queixa] porque não me quis expor mais e iria ser gozado. O tribunal nunca iria pagar nem fazer-me esquecer a dor psicológica que passamos” (16TM H Santarém)

“[Não apresentei queixa por] medo de retaliações/agravar mais a situação por escalada de violência” (27M G Lisboa)

“[Não apresentei queixa] para não incentivar mais comentários agressivos” (18F L Lisboa)

“[Não apresentei queixa] porque não valia de nada e porque são situações qu ocorrem com frequência” (17M G Coimbra)

“Vários colegas de turma presenciaram um dos acontecimentos, mas não me senti capaz de apresentar queixa por exemplo ao conselho executivo da escola. Meti na cabeça que ia ser forte, e hoje, apesar de ter corrido perigo na altura, relembro o momento sem grande preocupação. Como algo que não iria marcar o fim da minha vida por não ter peso no meu destino, por saber que era cedo demais. Talvez encare mesmo a situação com um encolher de ombros e um olhar de melancolia” (16F L Porto)

De facto, no gráfico "O que sentiu após a agressão", na página seguinte, encontramos sentimentos graves e muito preocupantes no que respeita ao bem-estar da vítima. Baixa auto-estima, isolamento e agressividade contra terceiros, por exemplo, tornam-se comuns e não promovem evidentemente um clima saudável no desenvolvimento psíquico e físico das vítimas. Alguns dos outros sentimentos referidos pelos participantes são desconfiança, desânimo, indignação, raiva, pena e desprezo pelos agressores, medo e ideação suicida.



Salientamos, novamente, a invisibilidade da orientação sexual e da identidade de género que leva a que esta seja, para muitos, uma violência real, mas também invisível, sem números, sem caras e marcante com, por vezes, sequelas para toda a vida.

“Das vezes que presenciei a discriminação de gays, lésbicas e transgéneros por parte de pessoas homofóbicas, senti-me incomodado pela forma repugnante e odiosa como essas mesmas pessoas falavam. Senti-me também incomodado pelo facto de não ser assumido e, por isso, de ser visto como heterossexual pelos meus colegas e outras pessoas; e também por certos pontos de vista homofóbicos de familiares meus: são uns dos piores e mais difíceis momentos na minha vida e que me tornam mais renitente e me colocam mais em dúvida quanto ao assumir perante todos a minha orientação sexual. Há momentos em que penso, por mais que me custe, em não ter o devido e necessário apoio das pessoas que me são mais chegadas quando isso acontecer” (16M G Lisboa)

“Senti-me abandonado e desafortunado. Por vezes parece mesmo uma guerra surda” (26M G Lisboa)

“É uma violência muito dolorosa, e só nos apetece bater nas pessoas que nos gozam. Desaparecer deste mundo, perdemos auto-estima, deixamos de gostar por completo de nós mesmos. Depressões, apatias... algo constante dentro de nós. Achando que não há ninguém que nos entenda” (16TM H Santarém)

“Senti-me sozinha e incompreendida [após ser alvo de discriminação]” (17F L Lisboa)

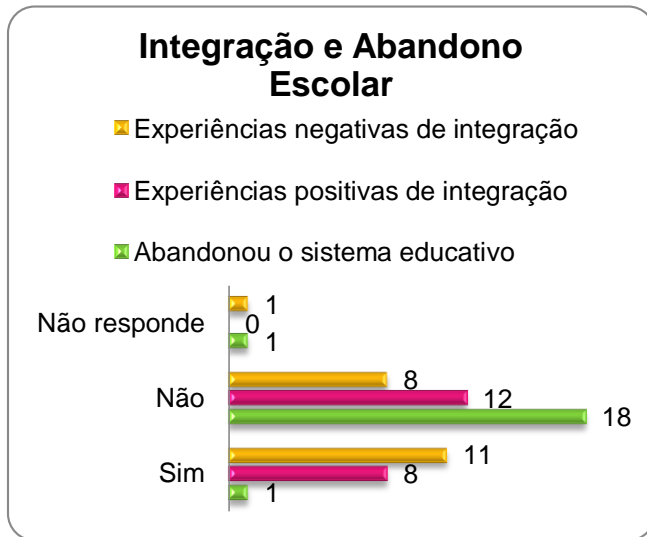
“Sinto medo que a minha integridade física e dos meus alunos gays esteja posta em causa, de tal forma que isso durante dias me impediu de viver a minha vida normal com o receio de ser abordado de forma mais física” (27M G Lisboa)

“[Senti] principalmente raiva para com os "ignorantes" e uma dor consumidora” (16F L Porto)

“Senti-me mal, posta de parte. Perseguida” (16F L Santarém)

“É complicado ir a casas de banho públicas, ter uma relação amorosa, o não poder mudar o nome antes dos 18 anos, apresentação no 1º dia de aulas, complicado fazer um desporto, pois tem balneários e nós desejamos é esconder este nosso corpo. O dia a dia torna-se muito difícil [por ser transexual], ninguém compreende a nossa dor, pensam ser muito fácil de lidar, que temos de ignorar o que nos dizem, mas nem sempre é fácil lidar com isso” (16TM H Santarém)

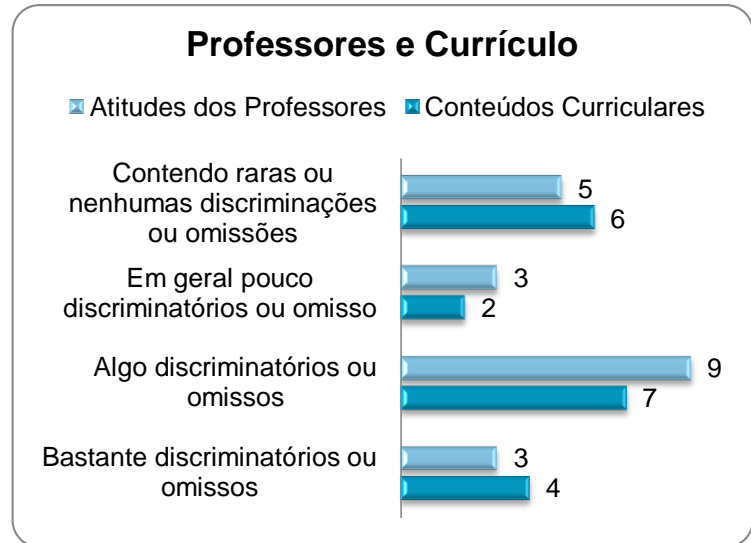
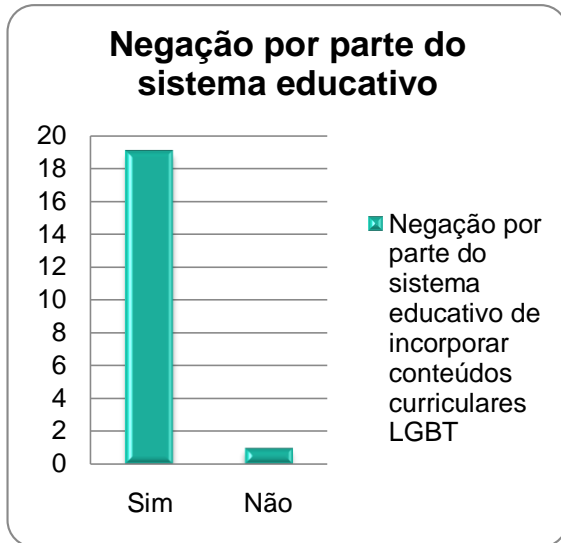
SISTEMA EDUCATIVO



Os dados apresentados no gráfico "Integração e Abandono Escolar" evidenciam uma adaptação e integração difíceis em ambiente por parte das vítimas. A violência invisível, já referida, não permite um sistema de ensino inclusivo. Existe um ambiente hostil no dia-a-dia de muitos jovens do nosso país que vivem diariamente situações de desconforto directo e/ou indirecto sem que nada possam fazer para evitá-lo. Entre os vinte participantes surge inclusive um que indica que abandonou o sistema educativo antes do que desejava devido à discriminação sofrida. Embora existam testemunhos de experiências positivas, as negativas são superiores. Podemos confirmar no gráfico "Experiências Negativas" que são referidas atitudes de repulsa e admoestação, assim como outras experiências de integração negativas tais como menosprezo, despreocupação, rejeição, deturpação, tabu e omissão.

“[Não abandonei o sistema educativo antes do que gostaria] mas contribuiu para uma maior insegurança que ainda hoje me impede de me sentir seguro sempre que entro para um novo curso ou alguma nova etapa na minha vida” (22M G Lisboa)

“[Abandonei o sistema educativo antes do que gostaria] porque não sabia quem eu era, e porque tinha todas as pessoas atrás de mim, outros colegas iam desprepositadamente ao colégio onde eu andava para conhecer o "gajo/gaja" como eles diziam. Muitos boatos, muitos olhares estranhos, perguntas estúpidas... difícil de descrever...” (16TM H Santarém)



No gráfico "Negação por parte do sistema educativo", dezanove dos vinte participantes reporta a ideia de negação por parte do sistema de ensino português em incorporar conteúdos curriculares sobre a orientação sexual e a identidade de género. Esta atitude promove e perpetua a existência de uma orientação invisível, uma identidade invisível e, indirectamente, também uma forma de violência muitas vezes ténue e invisível.

O gráfico "Professores e Currículo" mostra-nos que a maioria dos participantes acha que tanto as atitudes dos professores, como os conteúdos curriculares são algo, quando não bastante, discriminatórios ou omissos. Na realidade, a omissão e a negação da homossexualidade, bissexualidade e transgênerismo nos programas curriculares promove a falta de informação sobre estes temas e promove o preconceito e a discriminação. Encontra-se claramente ausente nas leis e nos programas curriculares em Portugal a importância de informação, correcta, objectiva e científica, tanto na área da educação para os direitos humanos e para a cidadania, como para a saúde, sobre orientações sexuais e identidades de género diferentes da maioria, para os jovens em geral, para os formar no respeito ao próximo e a sua diversidade, mas também para a própria juventude LGBT ou com dúvidas.

Por exemplo, a referência da homossexualidade de figuras históricas importantes, em espaço de sala de aula, nomeadamente quando é relevante, mas não só, é algo demasiadas vezes ausente e bloqueia a visibilidade positiva de homossexuais, tanto para aqueles que também o são, como para os que não são. A rede ex aequo tem recebido testemunhos de jovens que indicam que há professores que procuram evitar falar destes temas na sala de aula ou que quando o fazem reproduzem informações falsas e preconceituosas. Estas atitudes validam moralmente os comportamentos dos agressores, porque estes recebem dos agentes educativos mensagens que a orientação sexual ou identidade género de pessoas LGBT não é válida ou que o respeito da sua diferença não é algo importante.

Situações como as referidas necessitam de mudar quanto antes. É necessária e urgente uma inclusão de questões directa ou indirectamente ligadas à orientação sexual e identidade de género no nosso sistema de ensino.

- “Nunca durante o tempo de aulas vi mencionado qualquer tipo de orientação sexual que não a heterossexual” (18F L Lisboa)
- “O facto de haver omissão nos conteúdos escolares parece-me bastante negativo, uma vez que não permite o esclarecimento sobre a temática referida” (28F H Leiria)
- “Antes de mais, devo dizer que grande parte dos meus professores nunca abordou este tema. Os que o fizeram, ou praticamente nada disseram, ou o pouco que disseram permitia concluir que pouco sabiam sobre o assunto. Por exemplo, uma professora minha falou de homossexualidade e pedofilia como se se tratasse de sinónimos” (17M B Porto)
- “Há claramente uma negação por parte do sistema educativo... os manuais escolares seguem o estereótipo. Normalmente não há informação sobre a homossexualidade ou identidade de género” (19F L Porto)
- “No passado ano lectivo, uma professora perguntou a toda a turma quem era homossexual ou heterossexual. Eu tive de mentir porque não estava preparada para assumir-me para a minha turma (que é geralmente homofóbica). Penso que este tipo de perguntas devia ser evitado” (17F L Madeira)
- “Tive professores que faziam questão de realçar sempre, nas matérias necessárias, a existência de outras orientações sexuais e identidades de género” (19F L Porto)
- “Já vejo alguns colegas (professores) a abordarem várias orientações sexuais em situações de debate ou de esclarecimento sobre a sexualidade, no entanto penso que é muito subtil, muito pouco frequente... os próprios professores não têm o conhecimento ou a disponibilidade para falar no assunto. Seria importante formar os professores para que eles possam abordar o tema com naturalidade e não com receio” (23F B Lisboa)
- “As aulas de Filosofia e Psicologia eram espaços onde várias vezes se abordava o tema e falava-se abertamente e construtivamente de assuntos lgbt” (18M B Braga)

CONCLUSÃO

Através da participação de vinte pessoas que foram alvo de agressão homo/transfóbica ou que presenciaram-na podemos resumir as nossas conclusões em três questões fundamentais:

Primeiro, após analisar detalhadamente cada denúncia realizada, acreditamos ser urgente criar medidas de protecção contra a homofobia e a transfobia em ambiente escolar. Ao longo do presente estudo confirmámos que a discriminação com base na orientação sexual e identidade de género está presente nas nossas escolas. A homofobia e a transfobia baseia-se, frequentemente, em informações com falta de rigor científico e objectividade e é fruto da omissão e da inexistência de debate correcto e positivo sobre estes temas. Estas deficiências fomentam e validam, directa ou indirectamente, comportamentos e atitudes, mais ou menos, violentos a vários níveis.

Segundo, as agressões no espaço escolar contribuem seriamente para situações de baixa auto-estima, isolamento, depressões e ideação e tentativas de suicídio, assim como para o insucesso e abandono escolar de muitos jovens LGBT. Os índices largamente superiores demonstrados pela juventude LGBT, consequentes da discriminação, apresentados em estudos feitos por todo o mundo não podem ser ignorados e demonstram as consequências da ausência de uma educação para o respeito e para a promoção da dignidade das pessoas LGBT

nos currículos, nas salas de aula, no espaço escolar, em geral. Ao ignorar estes problemas estamos a pôr também em questão a promoção de uma cidadania plena para todos.

Terceiro, urge a necessidade de formar e informar correctamente professores, alunos e auxiliares de educação. A rede ex aequo, através do seu Projecto Educação LGBT, tem disponíveis materiais, tais como brochuras informativas e educativas, para alunos e para professores, para a promoção de uma educação para a cidadania e para os direitos humanos nestas temáticas, assim como uma equipa preparada para fazer sessões com alunos, pais, professores e funcionários da escola. Porém, esta preocupação não pode ser só de um grupo de pessoas, mas de todo os agentes educativos e deve, conseqüentemente, ser espelhada nas políticas educativas, na formação de professores e nos planos curriculares.

No presente Relatório do Observatório de Educação tivemos sempre presente que os dados apresentados não são representativos pela reduzida amostra. Porém, a discriminação existe e os diversos casos denunciados devem ser levados em consideração, todos eles sem excepção. Por esse mesmo motivo optámos por tratar os resultados de forma qualitativa para realçar os aspectos que considerámos mais alarmantes nas denúncias realizadas.

Cada queixa/denúncia reflecte vivências intra/interpessoais reais do dia-a-dia. Essas situações ocorreram e continuarão a ocorrer se nada se fizer em contrário. Deixamos em aberto este estudo com a esperança que no próximo relatório do Observatório de Educação nos seja possível recolher um número de denúncias representativo que nos permita tirar ilações não só qualitativas, mas também quantitativas.

GLOSSÁRIO

Bissexual Pessoa que se sente emocional e sexualmente atraída por pessoas de ambos os sexos

Gay Homem que se sente emocional e sexualmente atraído por pessoas do mesmo sexo

Heterossexual Pessoa que se sente emocional e sexualmente atraída por pessoas de outro sexo

Homofobia A homofobia caracteriza o medo e o resultante desprezo pelos homossexuais que alguns indivíduos sentem. Para muitas pessoas é fruto do medo de elas próprias serem homossexuais ou de que os outros pensem que o são. O termo é usado para descrever uma repulsa face às relações afectivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, um ódio generalizado aos homossexuais e todos os aspectos do preconceito heterossexista e da discriminação anti-homossexual

Homossexual Pessoa que se sente emocional e sexualmente atraída por pessoas do mesmo sexo

Identidade de Género Refere-se ao género com que a pessoa se identifica (como homem, mulher ou outra categoria, por exemplo), mas pode também ser usado para referir-se ao género que certa pessoa atribui aos indivíduos tendo como base papéis sociais de género (roupa, corte de cabelo, maneirismos, etc.)

Lésbica Mulher que se sente emocional e sexualmente atraída por pessoas do mesmo sexo

LGBT Sigla usada para designar Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgéneros

Orientação Sexual Indica qual o sexo que uma pessoa se sente preferencialmente atraída fisicamente e emocionalmente

Transfobia Semelhante à homofobia (ver definição), mas dirigida a pessoas com identidade de género distinta ao daquela esperada a partir do seu sexo biológico

Transgénero Alguém que não corresponde às categorias tradicionais dos géneros e que não se comporta como se espera convencionalmente perante o sexo biológico com que nasceu

Transexual Designa pessoas que sentem que o seu corpo não corresponde à sua identidade de género; transexual masculino refere-se às pessoas que sentem ter identidade de género masculina, mas nasceram com corpo feminino e transexual feminina refere-se às pessoas que sentem ter identidade de género feminina, mas que nasceram com corpo masculino

ANEXO

Observatório de Educação

Questionário



O objectivo deste questionário é efectuar um levantamento das situações de discriminação em função da orientação sexual ou identidade de género vividas por alunos, professores e outros funcionários em contexto escolar.

Pretende-se apresentar os dados obtidos junto de autoridades portuguesas e outros organismos que venham a solicitá-los de modo a retratar a presente situação da população juvenil lésbicas, gay, bissexual e transgénero (LGBT) em Portugal.

O sucesso deste estudo advirá directamente da veracidade da informação fornecida.

1. Dados Pessoais

Idade	
Sexo/Identidade de Género	
Orientação Sexual	
Distrito	
Função/Parentesco	Aluno <input type="checkbox"/> Ano Escolar: Professor <input type="checkbox"/> Psicólogo <input type="checkbox"/> Funcionário <input type="checkbox"/> Outro: Familiar <input type="checkbox"/> Amigo <input type="checkbox"/> Conhecido <input type="checkbox"/> Desconhecido <input type="checkbox"/>

2. Já foi vítima de alguma situação de discriminação por causa da sua orientação sexual?

Não <input type="checkbox"/>	
Sim <input type="checkbox"/>	Se sim, indique o tipo: Violência verbal <input type="checkbox"/> Violência física <input type="checkbox"/> Violência psicológica <input type="checkbox"/> Outro tipo <input type="checkbox"/> Qual?

3. Já foi vítima de alguma situação de discriminação por causa da sua identidade de género?

Não <input type="checkbox"/>	
------------------------------	--

Sim <input type="checkbox"/>	Se sim, indique o tipo: Violência verbal <input type="checkbox"/> Violência física <input type="checkbox"/> Violência psicológica <input type="checkbox"/> Outro tipo <input type="checkbox"/> Qual?
------------------------------	--

4. Já presenciou alguma situação de discriminação com base na orientação sexual?

Não <input type="checkbox"/>	
Sim <input type="checkbox"/>	Se sim, indique o tipo: Violência verbal <input type="checkbox"/> Violência física <input type="checkbox"/> Violência psicológica <input type="checkbox"/> Outro tipo <input type="checkbox"/> Qual?

5. Já presenciou alguma situação de discriminação com base na identidade de gênero?

Não <input type="checkbox"/>	
Sim <input type="checkbox"/>	Se sim, indique o tipo: Violência verbal <input type="checkbox"/> Violência física <input type="checkbox"/> Violência psicológica <input type="checkbox"/> Outro tipo <input type="checkbox"/> Qual?

Se a sua resposta foi **Não** nas questões 2 a 5, passe para a questão nº 9.

6. Descrição pomenorizada desta(s) situação/situações:

Quantas vezes aconteceu?	Uma única vez <input type="checkbox"/> De 2 a 4 vezes <input type="checkbox"/> Mais de 5 vezes <input type="checkbox"/>
Onde aconteceu?	Escola <input type="checkbox"/> Casa <input type="checkbox"/> Rua <input type="checkbox"/> Trabalho <input type="checkbox"/> Outro local público <input type="checkbox"/> Qual?
Quando aconteceu?	Há menos de 6 meses <input type="checkbox"/> Entre 6 meses e 1 ano <input type="checkbox"/>

	Há mais de um ano <input type="checkbox"/> Quando?
Quem foram os intervenientes?	Pares (colegas, alunos) <input type="checkbox"/> Professor(es) <input type="checkbox"/> Funcionário(s) <input type="checkbox"/> Familiar(es) <input type="checkbox"/> Desconhecido(s) <input type="checkbox"/> Outro(s) <input type="checkbox"/> Quem?
Utilize este espaço para fornecer mais informações que considere relevantes sobre o(s) caso(s) referido(s):	

7. Foi apresentado algum tipo de protesto/queixa de forma pública?

Sim <input type="checkbox"/>	Onde? Indique por favor as reacções e resultados obtidos:
Não <input type="checkbox"/>	Porquê? Como lidou com a situação? Falando com amigos <input type="checkbox"/> Recorrendo a ajuda clínica <input type="checkbox"/> Sozinho(a) <input type="checkbox"/> Outra <input type="checkbox"/> Qual?

8. O que sentiu após este acto de violência?

Agressividade para com terceiros <input type="checkbox"/> Auto-mutilação <input type="checkbox"/> Baixa auto-estima <input type="checkbox"/> Isolamento <input type="checkbox"/> Tentativa de suicídio <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> Qual?
Utilize este espaço para fornecer mais informações que considere relevantes sobre o

modo como se sentiu:

9. Abandonou o sistema educativo antes do que gostaria devido à sua orientação sexual ou identidade de género?

Sim
Não

Porquê?

10. Considera ou considerou os seus conteúdos curriculares e professores declaradamente discriminatórios ou omissos no que se refere às formas de sexualidade não heterossexuais e identidades de género não convencionais?

Preencha utilizando a seguinte escala de 1 a 4: 1 – Bastante discriminatórios ou omissos; 2 – Algo discriminatórios ou omissos; 3 – Em geral pouco discriminatórios e pouco omissos; 4 – Contendo raras ou nenhuma discriminações/omissões.		1	2	3	4
	Conteúdos curriculares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Atitudes dos Professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

11. Acha que existe negação por parte do sistema educativo português em incorporar conteúdos curriculares sobre orientações sexuais que não a heterossexual ou questões de identidade de género não convencional?

Sim
Não

Utilize este espaço para fornecer mais informações que considere relevantes sobre a sua opinião neste assunto:

12. Viveu experiências positivas de integração em ambiente escolar de conteúdos sobre temática LGBT?

Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
Utilize este espaço para fornecer mais informações que considere relevantes sobre a sua opção neste assunto:

13. Viveu experiências negativas de integração em ambiente escolar de conteúdos sobre temática LGBT?

Não <input type="checkbox"/>	
Sim <input type="checkbox"/>	Se sim, indique o tipo: Repulsa <input type="checkbox"/> Expulsão <input type="checkbox"/> Admoestação <input type="checkbox"/> Outra(s) <input type="checkbox"/> Qual?

14. Comentários Adicionais

--

<p>Notas</p> <p>Após preenchido, basta guardar e enviar em anexo por email para rede@ex-aequo.web.pt ou imprimir e enviar para rede ex aequo, Rua S. Lázaro 88, 1150-333 Lisboa.</p> <p>Se quiser colaborar com a rede ex aequo no sentido de averiguação e/ou apresentação de queixa formal da(s) situação/situações descritas no formulário, quando o enviar, por favor indique o seu nome e contacto.</p>
--

Data	
------	--

rede ex aequo - associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes
 Rua S. Lázaro 88, 1150-333, Lisboa. Tel. 96 878 18 41 <http://www.ex-aequo.web.pt> redexaequo.web.pt